



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE ESTUDOS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
FERNANDO SOARES DE SANTANA

ENTRE CHOCALHOS E ABÔIOS: ZÉ BRANCO UM VAQUEIRO
SERGIPANO

SÃO CRISTÓVÃO

2015

FERNANDO SOARES DE SANTANA

**ENTRE CHOCALHOS E ABÔIOS: ZÉ BRANCO UM VAQUEIRO
SERGIPANO**

Monografia apresentada como requisito para conclusão do
Curso de História – Licenciatura do Departamento de História
da Universidade Federal de Sergipe.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Lindvaldo Souza

SÃO CRISTÓVÃO

2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
FERNANDO SOARES DE SANTANA

ENTRE CHOCALHOS E ABÔIOS: ZÉ BRANCO UM VAQUEIRO
SERGIPANO

Monografia apresentada como requisito para conclusão do Curso de História –
Licenciatura do Departamento de História da Universidade Federal de Sergipe.

Aprovado em: _____ / _____ / _____

Membros da Banca

Nome

Titulação

Nome

Titulação

Nome

Titulação

AGRADECIMENTOS

A Deus primeiramente por ter me dado o dom da vida, aos meus pais Fernando e Jaci que me trouxeram a este mundo e que me educaram num lar amoroso, à minha ex sogra Elia Barbosa de Andrade por compartilhar comigo seus conhecimentos e seus livros que me ajudaram bastante em minha pesquisa.

Aos meus vários colegas e amigos de curso (alguns deles não mais entre nós) meu muito obrigado pelos momentos de descoberta e diversão, aos Mestres e Doutores agradeço pelo conhecimento transmitido em nossos encontros.

Meu muito obrigado a todos por contribuírem de uma forma ou de outra na construção do meu saber.

“Antes do sergipano ser lavrador, foi pastor”

Felisbello Freire

RESUMO

O presente trabalho encontra-se dividido em três partes, num primeiro momento fazemos uma revisão bibliográfica daquilo que já foi escrito sobre o município de Aquidabã/SE, com o intuito de levantar dados a respeito dos temas já abordados e também trazer para o leitor referências que possam ajudá-lo em possíveis pesquisas que tenham como temática o município, bem como situá-lo dentro do universo espacial de nossa pesquisa, Aquidabã é o local e o espaço histórico no qual iremos trabalhar.

Num segundo momento de nossa pesquisa fazemos nossa fundamentação teórica e apontamos quais metodologias usamos na confecção do nosso trabalho, nos apoiamos principalmente nos textos de Verena Alberti para mostrar como a confecção do saber histórico veio sofrendo mudanças ao longo dos anos e apontar como a introdução da história oral foi de importância para trazer novas abordagens e perspectivas dentro do fazer histórico. É nos apoiando na história oral como metodologia que iremos garimpar os vestígios do passado e confeccionar nosso trabalho.

Na terceira parte do nosso trabalho abordamos aspectos da vida e do cotidiano do vaqueiro José Xavier de Santana (Zé Branco), percebemos que ao narrarmos fatos de sua trajetória de vida podemos reconstruir um pouco da história dos vaqueiros daquela região. Figuras ativas dentro do processo de formação do nosso estado no período colonial, o vaqueiro tem uma importância fundamental naquela localidade, pois a base econômica que ainda predomina é a da pecuária sendo a mão de obra do vaqueiro ainda utilizada para a lida com o gado. Contudo, o que nos chama a atenção em relação ao vaqueiro Zé Branco é que como inúmeros

vaqueiros de sua época rodeados pela falta de oportunidades ele traça um caminho diferente dos demais entre meados de 1970 e 1980, através de suas redes de relacionamentos e de sua postura como ser humano e como trabalhador chega a conseguir sua independência financeira deixando de ser empregado e passando a administrar seu próprio pedaço de chão.

Palavras chave: sociedade do couro, Aquidabã, criação de gado, vaqueiro.

ABSTRACT

The present work is divided on three parts. At first we will do a bibliographic review of what has already been written about the city of Aquidabã/SE, in order to collect data referring to the themes already addressed, and also bring references to the reader that can help him in possible researches that have the city as its theme, and situate him within the spatial universe of our research. Aquidabã is the location and historical space in which we will work.

In a second moment in our research, we make our theoretical grounding and point out which methodologies we will use in the manufacture of our work. We rely especially on Verena Alberti texts to show how the manufacture of historical knowledge has going through changes over the years, and point out how the introduction of oral history was important to bring new approaches and perspectives within historical practice. It is relying on oral history as methodology that we will panning for the traces of the past and prepare our work.

In the third part of our work we will cover aspects of life and routine of cowboy José Xavier de Santana (Zé Branco). We noticed that, while narrating facts of his life story, we can reconstruct some of the history of cowboys from that region. An important figure in the formation of our state in the colonial period, the cowboy has a fundamental importance in that area, since the economic base that still prevails is the livestock, and the cowboy labor still used for dealing with cattle. However what draws attention regarding to the cowboy Zé Branco is that, as many cowboys of his time, surrounded by the lack of opportunities, he traces a different way from the others

between mid-1970 and 1980. Through his relationship network and his stance as human being and worker, he comes to achieving financial independence, ceasing of being employed and going to manage his own piece of ground.

Keywords: leather society, Aquidabã, livestock, cowboy.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
AQUIDABÃ, SUAS HISTÓRIAS E SUAS FONTES	10
A TRADIÇÃO ORAL E SUA IMPORTANCIA NA PESQUISA HISTÓRICA.....	31
ASPECTOS DO COTIDIANO DE UM VAQUEIRO: ZÉ BRANCO UM VAQUEIRO DISTINTO	41
A década de 1970, a seca, um breve cenário do nordeste.	41
O personagem.	42
De conduzido a condutor.	44
Entre nobres e plebeus.	45
O crescimento.	47
Empregado e empregador: a “formalização” do trabalho.	48
A partida: O início de uma nova fase.	50
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	51
REFERÊNCIAS	53

INTRODUÇÃO

É tarefa árdua para o historiador fazer levantamento de fontes que apontem ou simplesmente deem a ele indícios do surgimento do núcleo de povoamento de determinado município, sobretudo quando não tem um arquivo ou outro tipo de mecanismo que salvasse fragmentos da história através de fontes escritas ou orais. O levantamento bibliográfico é parte fundamental em qualquer pesquisa e sua importância se dá não pela ausência de fontes, mais sim devido à necessidade de se ter uma noção do que foi pesquisado e produzido até o presente momento. É a partir desta perspectiva que temos trabalhado para encontrar e juntar estes “pedaços” a respeito da cidade de Aquidabã/SE e a partir de então tecer um estudo com consistência a respeito do tema proposto. No levantamento feito até o presente momento encontramos em algumas obras, referências diretas ou indiretas dedicadas à memória e história da cidade de Aquidabã/SE.

É a partir do que foi produzido que iremos contextualizar o município de Aquidabã dentro de uma perspectiva histórica partindo da premissa de levantar questionamentos necessários para o desenvolvimento de nossa pesquisa. Com isso, estamos visando dar nossa contribuição para que futuros trabalhos tragam aos nossos olhos, outros questionamentos que ainda não foram observados e estudados no município e ainda contribuir para a formação de uma historiografia a respeito do município.

AQUIDABÃ, SUAS HISTÓRIAS E SUAS FONTES

Iniciamos a revisão do que já foi escrito ou mencionado sobre Aquidabã com o livro *História Territorial de Sergipe* do historiador Felisbelo Freire. Publicada no ano de 1906, sua obra assim como a de outros historiadores é de fundamental importância para a historiografia sergipana. Freire em seu livro nos mostra como se deu o processo de colonização através das doações de sesmarias e nos aponta indiretamente o território do que viria se tornar a atual cidade de Aquidabã. Foi na doação da primeira sesmaria por Cristóvão de Barros ao seu filho Antônio Cardoso de Barros que tivemos a expansão da colonização para aqueles lados através da criação de gado, fato que possibilitou a expansão da colonização pelo interior do estado e contribuiu para o povoamento da localidade da atual cidade de Aquidabã/SE.

Dentro desse processo da colonização portuguesa não sabemos ao certo quando as terras aquidabãenses foram inicialmente povoadas, mais temos alguns vestígios que podem nos dar uma referência do período em que possivelmente se criou o seu núcleo de povoamento. Encontramos alguns dados através de documentos transcritos em sua obra, que nos dá embasamento para indicarmos uma possível periodização do início do povoamento de Aquidabã.

São notados através da documentação do período, acontecimentos relativos às povoações vizinhas em sua obra, percebemos como uma delas, Santo Antônio do Urubu –primeiro nome da cidade de Propriá – foi importante para a

povoação de Cemitério já que houve dependência econômica e eclesiástica da povoação de Cemitério e Santo Antônio do Urubu.

Felisbello Freire mostra que;

As terras em que está hoje situada a cidade Propriá foram de propriedade *Pedro Abreu Lima*, que, em escritura de doação, de 2 de dezembro de 1681, deixou-as aos seus filhos naturais. Possuía diversos sítios por estas paragens. Entre eles havia o sítio de *Urubu de baixo e Urubu de cima*, servindo a lagoa de Propriá de limite entre eles. [...] a paróquia de S. Antônio de Urubu e tinha 2.774 habitantes, sendo homens, 725; mulheres, 725; criados, 56; escravos, 1.266. (FREIRE, 1995, p.64-65).

Através dos registros encontrados por Felisbello Freire percebemos que as terras de Propriá doadas aos filhos do sesmeiro Pedro Abreu Lima no último quartel do século XVII favoreceu a incursão de criadores de gado não só no leito do Rio São Francisco mais também em outros locais, como as regiões que abrangiam as atuais cidades de Cedro de São João, Telha, chegando até Cemitério. Com base nos dados e análises empreendidas por Freire podemos fazer uma periodização do início da povoação de Cemitério, cremos que por volta do final do século XVII chegaram os primeiros moradores na região de Aquidabã e ali se instalaram.

Encontramos na mesma obra o que cremos ser o primeiro documento que cita Cemitério quando da elevação da povoação de N. Senhora da Purificação da Capela em virtude da proposição de sua elevação à categoria de Vila em meados do século XIX.

Art. 3º A povoação de N. Senhora da Purificação de da Capela, fica ereta em vila. Principiará seu Termo do Rio Sergipe no lugar onde faz barra o

riacho Caípe, rumo direto à nascente do riacho Maniçoba, e por este abaixo até chegar à estrada pública [...] que vai para o Campestre, e desta estrada acima até a fazenda denominada Cabeça da Onça, ficando esta para novo o Termo, e daí seguirá pela estrada, que vai para o cemitério (FREIRE, 1995, p.76-77).

Com a nova divisão territorial da província de Sergipe efetuada pelo presidente José Pinto de Carvalho, notamos já em 1833 que os documentos oficiais citam o Cemitério, o que nos faz perceber que desde o fim do século XVII a meados do XIX há uma lacuna de mais de um século dentro da história de Aquidabã, seja por falta de pesquisas voltadas para o município ou simplesmente por falta ou extravio da documentação específica do período.

Ainda em Freire vemos uma passagem do período em que o povoado de Sant'Ana do Cemitério elevou-se a categoria de Freguesia, agora com a denominação de *Freguesia de Sant'Ana do Cemitério do Aquidabã* e determinando seus limites territoriais;

Freguesia de Sant'Ana do Cemitério do Aquidabã. Foi elevada à categoria de freguesia do povoado de Sant'Ana do Cemitério, pela lei de 11 de abril de 1872, com a seguinte área territorial: principia na fazenda Poção, seguindo pela estrada da fazenda Coronha até, em rumo direto desta à fazenda Riacho Grande pela estrada do Cágado, até a fazenda Mesinha, e daí procurando as cabeceiras do riacho S. Lourenço, e descendo por este até a estrada dos Caldeirões para a fazenda Imbirae Barreiros (que ficam pertencendo a N. Sra. das Dores) seguirá pela estrada do Cascavel até o rio Japarutuba e desce pro este rio até a barra do Taquara de onde seguirá pelos limites da freguesia da Capela e Propriá até os da Missão de Japarutuba pelo rio Japarutuba-mirim, daí subindo ao encontro dos limites

de Propriá com Pacatuba e destes pelas estradas para a lagoa do Povo, Delgado, Machado, Malhada dos Bois, ate a baixa da Lagoa Moriceira, de onde seguirá pela estrada do engenho Barra do Coité até o sítio Arapiracu e deste pelo Olho d'Água da Imbira. Alto dos minjinhos, olhodágua de Itapecuru, sítio Fazenda Grande na casa do Onofre, fazenda Lagoa da Pedra Branca ao Tatu, fazenda José, desta rumo direito de uns para outros lugares até a fazenda Poção, onde começa a demarcação. (FREIRE, 1995, p.94-95).

Em 11 de abril de 1872 a Freguesia de Sant'Ana do Cemitério do Aquidabã se desmembra Eclesiasticamente da Paróquia de Santo Antônio de Propriá e passa a possuir sua própria paróquia, dando mais um passo em mais um capítulo de sua odisseia histórica. Temos então a delimitação territorial de Sant'Ana do Cemitério do Aquidabã, território este que trazia dentro dos seus limites as terras que hoje pertencem às cidades de Muribeca e Gracho Cardoso e que posteriormente se desmembraram constituindo dois novos municípios sergipanos. Sua nomenclatura a partir de então muda para Sant'Ana do Cemitério do Aquidabã nome que certamente é uma homenagem à vitória do Brasil na guerra do Paraguai em 1870.

As transcrições dos documentos dentro da obra de Felisbelo Freire, sua pesquisa minuciosa do passado favorece o estudo da gênese do estado e seus municípios, observando as mudanças que ocorreram com o passar do tempo e sua progressão dentro da história. A lei de 10 de Abril de 1875 que cria a Freguesia de Bom Jesus dos Aflitos do Curral de Pedras traz consigo, além de informações dos limites da atual cidade de Gararu referencias territoriais da Freguesia de Sant'Ana do Aquidabã.

[...] se guiará, por ele até o riacho Gararú, por ele acima à foz do riacho Sovela, destes às suas cabeceiras, daí rumo rreiro às cabeceiras da Gruta, onde se acha colocado o tanque da fazenda Riacho Grande, e respeitando sempre as divisões da paróquia de Sant'Ana do Aquidabã, [...] (FREIRE, 1995, p.108).

Passando do período da colonização e tratando de um período mais recente da história encontramos citações a respeito de Aquidabã no *Álbum de Sergipe* de Clodomir Silva, obra esta que foi confeccionada em comemoração ao primeiro centenário de emancipação política de Sergipe. Em sua obra Silva faz um relato da história, geografia, economia e administração sergipana, divide seu marco temporal histórico a partir do ano de 1535 a 1920, no qual trata da história do estado, apoiando-se, sobretudo, nos documentos oficiais e fontes bibliográficas a respeito do tema. Traz também diversas informações dos municípios sergipanos na época do centenário de sua emancipação, abordando múltiplos temas como clima, geografia, comércio, demografia, topografia dentre outros elementos de informação. Em seu histórico sobre a cidade de Aquidabã Silva traz a delimitação territorial de Cemitério quando de sua elevação à freguesia, bem como sua elevação a categoria de vila.

Seguindo uma linha de escrita voltada para aspectos gerais da sociedade sergipana encontramos referência sobre Aquidabã na *Enciclopédia dos Municípios* do IBGE, publicada em 15 de dezembro de 1959. Seu objetivo é fazer uma abordagem histórica, social e econômica dos municípios brasileiros.

No que se refere à parte histórica de Aquidabã a *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros* nos diz que:

No local em que existiu uma fazenda de gado pertencente a um dos desbravadores da sesmaria de Antônio Cardoso de Barros, lá pelos princípios do Século XVIII, segundo a memória corrente, foram construídas algumas casas e, também, pelos moradores, um cemitério, próximo da estrada real que vai do centro para o rio São Francisco. Originou-se daí o primitivo nome de Cemitério, dado ao lugarejo que veio a ser a cidade de Aquidabã. (ENCICLÓPEDIA DOS MUNICÍPIOS BRASILEIROS, 1959, p. 213).

Vemos que o texto faz referência “a um dos desbravadores de Antônio Cardoso de Barros” como proprietário de uma fazenda naquela localidade. Isso levanta a questão de como a falta de pesquisa histórica faz com que alguns dados sejam erroneamente transmitidos por alguns autores que tratam das origens de Aquidabã e colocam Cardoso de Barros como povoador daquelas terras. Percebemos que Antônio Cardoso de Barros, segundo Antônio (2012, p. 52) Cardoso de Barros “*não se interessou em fixar-se no local e iniciar seu povoamento retornando também para a Bahia.*”.

Vemos então que Antônio Cardoso de Barros não foi o responsável pelo povoamento do local – não se sabe realmente ao certo quem foi – mas sim um proprietário que doou parte de suas terras a um de seus colaboradores na expansão da colonização portuguesa pelo estado de Sergipe.

Outra obra que trata da história e vários aspectos da cidade de Aquidabã é o Livro *Sergipe Panorâmico*, lançado em 2002 em comemoração aos 40 anos de fundação da Universidade Tiradentes - UNIT. Como seu título nos traz, a obra faz um panorama dos municípios sergipanos, mostrando informações básicas a respeito dos aspectos históricos, geográficos, econômicos, culturais e políticos de Sergipe, não aprofundando a pesquisa histórica em relação ao município de Aquidabã, mais

sim, fazendo uma reedição do que já foi escrito com base em textos da Enciclopédia dos Municípios do IBGE de 1959 e do livro Aquidabã, História, Educação e Poesia do Advogado Acelino Pedro Guimarães.

No tocante a obra Sergipe Panorâmico, encontramos algumas inconsistências a respeito de alguns dados fornecidos pelos autores, sobretudo no que se refere ao início da ocupação das terras aquidabãenses.

Segundo os autores:

[...] no início do século XIX, logo após a Guerra do Paraguai, alguns invasores holandeses começaram o desbravamento dessa localidade. Chegando a essa região, construíram casas e um cemitério, este próximo à estrada que ia do sertão ao Rio São Francisco. (MENDONÇA; GUIMARÃES. 2002. p. 35).

Percebemos que os autores afirmam que as terras aquidabãenses foram ocupadas inicialmente por invasores holandeses no início do século XIX, contudo, sabemos que a ocupação holandesa em Sergipe se deu por alguns anos no século XVII de 1637 a 1645 quando da reconquista de Sergipe pelos portugueses.

Outro ponto o qual notamos certa incoerência de dados da obra foi em relação às primeiras famílias que iniciaram o núcleo de povoação de Aquidabã. Segundo Mendonça e Guimarães (2002. p. 35) “Dentre as primeiras famílias que povoaram Aquidabã, citam-se as de Manoelzinho Cardoso, Francisco José de Santa Rita e Antônio Cardoso de Barros;”.

Essas famílias – excluindo-se a de Cardoso de Barros – fizeram parte da constituição social do município no século XX, não podemos afirmar com tanta

veemência que foram elas que povoaram inicialmente o território aquidabãense, não temos qualquer relato ou referência no texto de onde essas informações foram captadas e não encontramos até o presente momento nenhum registro escrito ou oral do período em questão que confirme tal afirmação, ao contrário, observamos que a povoação de Aquidabã se deu através de uma fazenda de gado que pertencia a um dos colaboradores de Antônio Cardoso de Barros ao qual pertencia aquela sesmaria, não citando nomes dos seus primeiros colonos. Observamos no texto produzido pelos autores da Universidade Tiradentes certo descuido em relação à pesquisa histórica, trazendo dados desconexos e não fazendo referência as fontes utilizadas para produzir tal discurso.

Outra obra que nos traz informações sobre o município de Aquidabã é o Cinform Municípios. Em junho 2002 o jornal Cinform faz sua contribuição publicando a revista *História dos Municípios*, tendo como objetivo principal compilar em uma única obra informações básicas a respeito da formação histórica dos municípios sergipanos.

Em seu capítulo dedicado a cidade de Aquidabã o jornalista José Cristian Góis inicia seu texto fazendo uma alusão à denominação do município com a vitória brasileira na guerra do Paraguai em 1870 através de trechos do hino da cidade de autoria de Lauro Rocha de Lima.

As informações que são trazidas para o leitor são bem superficiais mostrando dados do período colonial, primeiro nome do município, criação da primeira escola e também da elevação da localidade à freguesia e vila. O texto traz um pouco da história política do município e destaca o cantor José Augusto sergipano como um dos seus filhos ilustres.

A revista em si não faz nenhuma análise sobre a história ou aspectos históricos do município, o que percebemos é que a publicação traz dados descritivos de datas e fatos a respeito da história de Aquidabã, informações estas extraídas da *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros*, erroneamente referenciado ao escritor e advogado Acelino Pedro Guimarães e Lauro Rocha de Lima.

Percebemos também alguns equívocos em relação a alguns dados, o autor destaca alguns filhos ilustres do município dentre eles a irmã Joana Vermeleu e o padre Rui da Silva como nativos da localidade. Sabemos, entretanto, que as duas pessoas mencionadas não são filhos naturais de Aquidabã, a irmã Joana é natural da Bélgica e o padre Rui natural de Portugal.

Continuando nossa pesquisa encontramos uma obra dedicada à cidade de Aquidabã, o livro *Aquidabã & Sua Gente*, publicado em 1994 pelo Advogado aquidabãense Acelino Pedro Guimarães traz em seu conteúdo um apanhado de informações a respeito do município, aborda um pouco de sua história, – transcrições de documentos – geografia, indústria, comércio e festividades dentre outros temas.

O autor produz a maioria das informações a partir de suas memórias, traz em seu relato alguns momentos significativos dentro da história de Aquidabã, como a chegada da energia elétrica em meados da década de trinta, a evolução dentro do setor de transporte, comunicações, dentre outros aspectos, trazendo aos nossos olhos e nossa imaginação uma Aquidabã de outrora.

Entendemos que a obra é de grande importância para o município – é até o presente momento uma das mais utilizadas em pesquisas sobre Aquidabã – e traz consigo uma carga altíssima de historicidade através das memórias do autor, sendo fonte de consulta e pesquisa para qualquer trabalho que tenha Aquidabã como

tema. Contudo, entendemos que não há uma análise histórica dos temas abordados no livro, somente a descrição de fatos, pessoas e acontecimentos do período. Reiteramos aqui a importância dessa obra para o município mais como fonte de pesquisa do que realmente como obra historiográfica.

Acelino Pedro Guimarães publica posteriormente outro livro voltado para o município. *Aquidabã História, Educação e Poesia* datada do ano de 1996 traz consigo, além de um apanhado histórico e geográfico do município algumas memórias do autor em relação a pessoas e fatos da época. Traz também dois capítulos voltados para a fundação das escolas particulares e públicas no município bem como o concurso de poesias realizado em fins de 1993. É uma importante fonte de pesquisa a respeito da história da educação no município, pois traz em seu âmago informações preciosas sobre os primórdios da educação aquidabãense.

Ratificamos aqui a importância de Acelino Pedro Guimarães para a memória de Aquidabã, suas obras nos dão relatos do cotidiano do município no início do século passado, de suas instituições, de sua sociedade e são fontes riquíssimas para a pesquisa historiográfica acerca de Aquidabã.

Destacamos aqui outra obra sobre a história de Aquidabã, o livreto *Aquidabã em Versos*, lançado em 2003 pela Professora de História e Mestre em educação Elia Barbosa de Andrade. O livreto trazem seu conteúdo uma forma diferenciada de escrever a história do município que com as características dos versos dos cordéis a autora apresenta a população de forma lúdica dados da história do município de Aquidabã e do estado de Sergipe.

[...] Aquidabã é a cidade, que agora vou historiar. Localizada em Sergipe, tem muito que mostrar Desde seu primórdios, Era local bom de morar. Foi território de índios Não podemos negar Aqui viviam sem pensar Que um dia

o homem branco Cá fosse chegar E as suas terras roubar. [...] (ANDRADE, 2003. p. 11).

A partir das rimas empreendidas na composição da história de Aquidabã a autora prioriza, sobretudo o público infantil fazendo com que as crianças tenham contato com a história do estado e do local ao qual pertencem, informando, solidificando e fazendo relação da história com seu entorno social.

A autora publica outra obra com as mesmas características do cordel no ano de 2013, o livreto *Tenice e Sua História*, conta em versos a história de vida da senhora Maria Tenice Vieira através de suas memórias. Tem como particularidade marcante a exaltação da história e da cultura imaterial de Aquidabã que através dos aboios entoados pela homenageada traz às luzes os traços e características fortes da cultura do gado que ainda hoje estão presentes do cotidiano do homem aquidabãense.

Temos percebido que com o passar do tempo há cada vez mais uma preocupação em produzir material a respeito da cidade de Aquidabã e isso tem contribuído com o aumento de uma bibliografia que trate de diversos temas sobre o município. Recentemente tivemos outra publicação voltada para Aquidabã, o livro *História e Identidade cultural de Aquidabã* lançado no corrente ano pelo professor de Letras/Inglês Jackson Crisóstomo dos Santos traz consigo aspectos da história e memória do município. O autor divide seu livro em oito capítulos abordando diversos temas como a história, economia, geografia, educação e aspectos culturais de Aquidabã.

A nosso ver a obra traz consigo alguns pontos positivos e negativos em sua concepção. No que se refere à parte positiva, podemos destacar a quantidade de dados informados pelo autor, sobretudo nos capítulos que abordam a geografia,

economia e educação. São dados atuais que evidenciam a realidade demográfica, social, educacional e econômica do município e servem de base para futuros estudos no campo da história demográfica, história econômica, história da educação dentre outros campos de estudos.

Um dos pontos negativos da referida obra se encontra na sua não delimitação temporal, comum em toda obra historiográfica. Sabemos, contudo, que a obra não tem a finalidade de ser uma historiografia, porém entendemos que qualquer obra que trate de temas históricos, mesmo que superficialmente deve ter o seu recorte temporal para que o público possa situar-se dentro da leitura sobre qual período o autor está discorrendo.

Temos um livro que almeja trazer à tona diversos campos de pesquisa e que se confunde – como outros escritos – com a maneira dos antigos historiadores positivistas registrarem a história, abordando uma história totalitária do município em questão. Sabemos, porém, que com o advento da Escola dos Annales a forma de se escrever a história mudou, passando de uma história total, narrativa dos “grandes feitos e grandes homens” para uma história analítica, permeada por outros olhares das ciências sociais como a antropologia e a sociologia, trazendo novas abordagens e novas fontes para a história.

Os temas propostos e trazidos ao leitor são relevantes e tem como intuito munir de informações àqueles que não têm um conhecimento mínimo a respeito do município, todavia, essas informações se caracterizam mais descritivas de fatos, festas, pessoas e eventos do que realmente analítica a respeito do tema proposto que é a história e a cultura aquidabãense. Fazendo algumas ressalvas, em termos gerais a obra em si tem importância para a formação e construção de uma bibliografia a respeito do município.

Buscando referências sobre o município em outras obras encontramos três livros voltados para a temática do cangaço no qual citam a cidade de Aquidabã, um deles é O livro *Lampião a Força de um Líder* de Gonçalo Ferreira da Silva. O autor é formado em Letras pela PUC/RJ e um dos fundadores da Academia Brasileira de Literatura de Cordel e dedica um capítulo de seu livro a passagem do rei do cangaço pela cidade de Aquidabã.

Vejamos segundo o autor como se deu a passagem de lampião:

Lampião foi duas vezes à Aquidabã, Sergipe. A primeira foi uma visita pacata, ordeira, pacífica. [...] Ali estudou as possibilidades para um ataque, examinou as saídas para o caso de uma fuga apressada, planos de guerrilha... Inteligente e conclusivo, promoveu a invasão. (SILVA, 2005. p. 117).

Relatando como se deu a passagem de Lampião e seu bando por Aquidabã, o autor nos traz informações a respeito do município do início do século XX, a descrição de como se deu sua chegada e as atrocidades que aconteceram naquele período mostra um pouco da realidade social brasileira daquela época. Relata como se deu o ato de violência cometido por Lampião contra o senhor José do Papel.

É sabido por uma grande maioria dos aquidabãenses que José do Papel teve uma de suas orelhas cortadas por Lampião em sua passagem por aquelas bandas entrando assim ele – José – meio que tragicamente para as estatísticas das atrocidades cometidas pelo rei do cangaço dentro do estado de Sergipe e consequentemente para a história do Brasil.

Ainda dentro do tema do cangaço encontramos mais uma obra que cita as passagens de Lampião pela cidade de Aquidabã. O livro *Lampião em Sergipe* do

autor Alcino Alves Costa, publicado no ano de 2011 traz algumas informações sobre Aquidabã;

Em Sergipe, o célebre capitão obteve um sucesso retumbante, muito além do imaginado. Escudado e orientado pela sua prodigiosa inteligência, cuidou em alargar os seus projetos. Andejou por quase todo estado de Sergipe. Pisou firme nas terras de Aquidabã, Canhoba, Capela, [...]. (COSTA, 2011. p.53).

Temos mais um relato das andanças do rei do cangaço pelas terras aquidabãenses, colocando dentro das crônicas da história a cidade de Aquidabã e fomentando sua importância dentro da história sergipana.

No dia 25 de novembro de 1929 passeia pelas ruas de Nossa Senhora das Dores, e no mesmo dia faz o mesmo na cidade de Capela. Logo a Seguir, na mesma estrada, visita Aquidabã. [...] Em outubro de 1930 retorna a Aquidabã e dessa vez comete hediondos crimes. Decepam impiedosamente a orelha de Eduardo Mello, que faleceu um mês depois desse terrível suplício. A súcia maldita faz o mesmo com os infelizes Zé Custódio e um seu irmão de nome Antônio, cortando, também, as suas orelhas. E como se fosse um arremate final matam um pobre demente chamado Sousa de Mané do Norte. (COSTA, 2011. p.56-57).

O livro, *Lampião Assaltos e morte em Sergipe* de autoria de Juarez Conrado publicado no ano de 2010 é outro livro que também trata do objeto de estudo cangaço e igualmente cita a cidade de Aquidabã em seu conteúdo. O autor traz um capítulo dedicado a Aquidabã e nele relata o episódio da passagem do

afamado cangaceiro por terras aquidabãenses e sua violenta ação contra as pessoas da localidade, citando o episódio de Zé do Papel;

Em companhia de vários cangaceiros [...] chegou, logo ao amanhecer, a Aquidabã. [...] Zé do Papel, quando abordado por Lampião, no povoado Cajueiro, contava com apenas 22 anos, enquanto seu irmão Antônio iria completar 20. Chegando pela manhã, bem cedo, à casa de Zé do Papel, os bandidos exigiram que lhes fosse mostrado onde se encontrava o dinheiro. (CONRADO, 2010. p. 194-195).

É fato notório a importância do território de Aquidabã na história do cangaço como local de memória, já que houveram diversos fatos ocorridos quando da passagem de Lampião e seu bando. Entendemos que essa importância histórica de Aquidabã não está só em relação à história do cangaço, mais como ambiente do fazer histórico através dos seus agentes sociais.

Adentrando ainda mais o século XX temos O livro *Textos para a História de Sergipe* escrito pelas professoras Terezinha Alves de Oliva, Maria da Glória Santana de Almeida, Maria de Andrade Gonçalves e Lenalda Andrade Santos, publicado em 1991 traz consigo diversos temas de relevância para a história de Sergipe. Em pesquisa encontramos três citações à cidade de Aquidabã no texto *Atividades Produtivas* de autoria da professora Maria da Glória Santana de Almeida.

No seu texto a autora trabalha aspectos históricos da economia de Sergipe em diversos períodos. A primeira citação se dá num dos quadros em que a autora dá o número de engenhos por municípios no século XIX, estando Aquidabã dentro da Região do São Francisco contando com 08 engenhos no ano de 1900.

A segunda citação se dá a partir da análise da autora quanto à produção de Algodão no estado de Sergipe, a professora mostra como em fins do século XIX

e início do século XX a conjuntura econômica internacional favorece a produção algodoeira em Sergipe citando Aquidabã como zona de expansão do algodão em detrimento da cana de açúcar;

Alguns fatores contribuíram para a sustentação do comércio do algodão em Sergipe: [...] – a comprovação da baixa lucratividade da cana-de-açúcar em regiões do agreste e as excelentes qualificações da zona para o plantio do algodão. Ele será capaz de substituir com vantagens de produção e transporte o plantio da cana-de-açúcar em Nossa Senhora das Dores, Itabaiana, São Paulo, Propriá e se expandir para Simão Dias, Aquidabã e Gararu;. (ALMEIDA et al. 1991. p. 84).

Percebemos como se dá o processo de expansão da cultura do algodão em fins do Século XIX e início do XX no estado e como a região geográfica de Aquidabã é propícia para o cultivo da planta.

Outra análise que a autora faz em relação à economia algodoeira em Sergipe é de como a precariedade do sistema viário conteve o avanço da economia sergipana e consequentemente da economia aquidabãense em fins do século XIX já que as maneiras de escoamento da produção não favoreciam as atividades comerciais.

Como podemos observar havia;

A preocupação do governo e de particulares pela solução do problema viário como meio para facilitar o comércio de exportação, tomou, em vão, no século passado, três direções: [...] 3) a construção de uma rede ferroviária, comunicante entre as zonas de produção e o porto marítimo. Como as

zonas algodoeiras do norte (Propriá e Aquidabã) [...]. (ALMEIDA et al. 1991. p. 121-122).

Vemos que em fins do XIX Aquidabã se encontra como importante zona produtora de algodão juntamente com Propriá se tornando as maiores produtoras de algodão da região norte do estado, contribuindo assim para o crescimento da economia sergipana como um todo.

A historiadora Maria Thetis Nunes é reconhecida no meio acadêmico e também fora dele por dar importante contribuição para a história de Sergipe. Em suas obras *Sergipe Colonial I e II*, a autora traz informações preciosas a respeito dos primeiros habitantes de Sergipe e como se deu o processo de colonização do estado por intermédio da expansão da criação de gado, contudo, não encontramos nenhuma citação a povoação de Cemitério ou Sant'Ana do Cemitério do Aquidabã em suas obras.

Outra obra da autora no qual pesquisamos e não encontramos nenhuma menção à Aquidabã foi *História de Sergipe a partir de 1820*. Nesse livro apesar de sua demarcação temporal coincidir com o período onde já existiam registros da povoação de Cemitério não encontramos nenhuma citação a respeito dos primórdios do município. A autora prioriza a história das vilas mais importantes da capitania citando São Cristóvão, Vila Nova e Santo Antônio de Propriá, tendo como enfoque principal de sua obra a história política de Sergipe.

Não encontramos qualquer referencia ou vestígios do passado de Aquidabã no livro *Sergipe Provincial I*, localizamos somente uma breve citação à Aquidabã no livro *Sergipe Provincial II* quando a autora trabalha o desenvolvimento urbano da província de Sergipe e mostra o surgimento das vilas do estado de Sergipe citando Aquidabã como vila em 1878.

Outro autor que cita Aquidabã é o historiador Sebrão sobrinho, em sua obra *Fragmentos da História de Sergipe*, sobrinho defende a ideia de que a formação da sociedade sergipana é compreendida através da privação empreendida aos habitantes de Sergipe pelos baianos e só através da Bahia podemos compreender muitos acontecimentos da história de Sergipe.

Segundo sobrinho;

De Sergipe, geofagou todo seu território de Itapuã, em seus quintais, dela, até o córrego Saguim, aquém e tributário do Rio Real, na Praia. Eclesiásticamente, fez-se dona de Pôrto da Fôlha, Gararú, Propriá, Vilanova (Neópolis), Pacatuba, Jaboatã, Cedro de San-João, Aquidabã; [...] deixando muito pouco para a Vigararia Geral de Sergipe-Del-Rei!!!. (SOBRINHO, 1972, p. 54-55).

Analisando a obra *Sergipe Del Rey População, Economia e Sociedade* do Antropólogo e Historiador Luiz Mott não encontramos referencias em relação a cemitério ou qualquer outra antiga denominação da cidade de Aquidabã.

Ibarê Dantas em seu livro *História de Sergipe: república (1889-2000)* trata do período republicano em Sergipe. Aborda em um capítulo o tema o domínio dos senhores de açúcar em Sergipe, contextualizando através das importantes cidades do estado, cita Aquidabã quando trata das vilas do estado nesse período.

Dantas diz que;

Além desses municípios, havia cerca de 24 vilas: Aquidabã, Arauá, Boquim, Campos, Cristina, Cedro, Carmo, Divina Pastora, Espírito Santo, Porto da

Folha, Riachão, Rosário, Santa Luzia, Santo Amaro, São Paulo, Siriri, Socorro e Vila Nova.

Vemos que Aquidabã ainda era vila quando da mudança de governo no país, saindo da monarquia para a república e como outras povoações, vilas e cidades Aquidabã também adere ao movimento republicano.

O livro *Para conhecer a história de Sergipe*, escrito pelas professoras Lenalda Andrade Santos e Terezinha Alves de Oliva traz consigo de uma forma didática a história do estado sergipano desde sua gênese e em seu capítulo o *sergipano antes de ser agricultor foi pastor* trata de como a criação de gado foi atividade econômica de relevância para o estado e como contribuiu para a formação de diversas cidades dentre elas Aquidabã.

Segundo as autoras:

A importância da pecuária no movimento da colonização sergipana está marcada pelo nome de povoações, hoje cidades, que começaram a destacar-se no decorrer do século XVIII, por causa da atividade, como foi o caso de Campos do Rio Real (Tobias Barreto), Malhador, Curral das Pedras (Gararu), Campo do Brito e outras que, embora não tenham recebido nomes que lembrem a criação de animais, também tiveram sua origem ligada à pecuária. Foi essa a origem de Riachão do Dantas, Simão Dias, Aquidabã, Nossa Senhora da Glória e Porto da Folha, por exemplo. (SANTOS & OLIVA, 1998. p. 33-34)

Percebemos a importância do gado na formação sergipana e ratificamos aqui a importância de Aquidabã para a formação econômica e social do estado, dando importante contribuição para o fortalecimento de Sergipe como grande produtor de gado no período colonial.

Estendendo nossa pesquisa as monografias e TCCs produzidos tendo como temática o município de Aquidabã ou que citam Aquidabã em seu conteúdo, encontramos algumas pesquisas relevantes no curso de história da Universidade Tiradentes.

O trabalho de conclusão de curso *Álbuns de Família: Identidade e Memória*, das historiadoras Grayziane Alves Silva, Keyte Monique de Jesus e Luana Campos da Silva trazem aos nossos olhares a importância da fotografia na conservação da memória e como a utilização da mesma como fonte histórica traz diversos significados e perpassam por diferentes interpretações a partir da perspectiva de quem as analisa. O trabalho tem como fonte primordial a fotografia, seu mote analítico se dá principalmente na observação dos álbuns de famílias aquidabãenses, trazendo consigo imagens de uma Aquidabã de outrora e representações da sociedade e da família daquele período.

Outro trabalho que analisa a sociedade aquidabãense é TCC *O modelo de organização de uma cidade ideal, partindo de uma nova perspectiva socioeconômica*, das historiadoras Ariny Mirielle Menzes C. Santos, Wedna Ferreira Araújo e Vanessa Soares Andrade. Em seu primeiro capítulo o trabalho faz uma análise dos conceitos de freguesia e vila contextualizando o estado de Sergipe e a evolução do município em seus primórdios fazendo um breve histórico sobre Aquidabã.

Num segundo momento, a pesquisa foca na criação – segundo as autoras – de uma “cidade ideal”. Com a chegada da república inicia-se um período de novos comportamentos como uma tentativa de se separar de velhas práticas. É a partir da análise dos códigos de posturas que as autoras analisam a sociedade aquidabãense nesse novo período de sua história. Através dos códigos, era traçado todo um comportamento estético e social da cidade, regulando o comércio, higiene pública e privada e a conduta moral dos moradores e visitantes da vila de Aquidabã.

Outro TCC que encontramos citação relativa à cidade de Aquidabã foi *A Cultura da Farinha de Mandioca na Cidade de Graccho Cardoso*, dos historiadores Breno Luiz Mendonça Cunha, Isaac Andrade Doria e Thiago Aragão da Paixão Santos. O trabalho citado tem como ponto primordial a análise do município de Graccho Cardoso através de sua economia citando Aquidabã quando contextualizam o município dentro da história sergipana. Segundo Cunha *et al.*(2009), Graccho Cardoso obteve sua emancipação política em 1958 ficando independente da cidade de Aquidabã.

Apresentamos aqui referências bibliográficas que trazem em seu conteúdo alguma citação a povoação, freguesia, vila e cidade de Aquidabã nos seus mais diversos temas e recortes temporais. Pesquisamos em fontes diversas, contudo notamos alguns silêncios em relação a algumas obras de historiadores consagrados, não encontrando nenhuma citação a respeito de Cemitério, Freguesia de Sant’Ana do Aquidabã ou mesmo a atual cidade de Aquidabã.

Mesmo o município tendo sua importância dentro da história de Sergipe como zona produtora de Algodão no século XIX e grande produtora de leite em meados do século XX percebemos a falta de estudos em diversas áreas do

conhecimento e que podem contribuir para a construção da história e de uma identidade de Aquidabã. Essas ausências de pesquisas nos seus mais diversos temas nos fazem levantar questões gerais, contudo, sabemos que é tarefa impossível abordar uma história total do município, nossa proposta aqui é analisar uma pequena parte da história de Aquidabã e contribuir para a formação de sua historiografia.

É nossa intenção analisar o sujeito – vaqueiro – e sua contribuição na “construção” de Aquidabã, para isso iremos focar num personagem específico e a partir dele tentar analisar a macro estrutura social que o rodeia, fazendo assim como os historiadores que se utilizam da micro história como método de pesquisa.

Observamos no dia a dia do município que em muitas vezes não é dada a importância necessária ao agente social vaqueiro, muitos não percebem sua importância dentro da sociedade, principalmente uma sociedade que tem como base econômica desde sua formação a criação de gado. Geralmente passa despercebido como o trabalho do homem do gado foi e é importante para Aquidabã, a influência de sua cultura, suas idiossincrasias e todo o tecido social do qual faz parte. É a partir dessa perspectiva que levantamos o questionamento em relação a nosso estudo: Qual a importância do vaqueiro para a Aquidabã?

É esse questionamento que norteará nossa pesquisa e que trará as luzes algumas respostas sobre o município de Aquidabã.

A TRADIÇÃO ORAL E SUA IMPORTANCIA NA PESQUISA HISTÓRICA

A história de Aquidabã foi e é construída através do cotidiano dos seus agentes sociais. Iniciamos esta nova etapa de nossa pesquisa com tal afirmativa, pois entendemos que o espaço histórico – Aquidabã – é o “palco” principal, onde os atores interagem dando vida a todo um complexo sistema social.

É dentro desse “palco” que acontecem as mais diversas histórias, no qual as trocas interpessoais acontecem diariamente e consolidam um emaranhado de ações e relações em suas mais variadas formas – comerciais, de poder, comunitária e etc. – compondo o que convencionamos denominar de sociedade. É nesse espaço que tentamos entender a história de Aquidabã, através do sujeito e do “outro” que o circunda.

A partir dessa perspectiva de olhar a sociedade através das trocas sociais, o historiador tem a tarefa de remontar parte do passado através dos fragmentos garimpados ao longo de sua pesquisa. Podemos comparar tal trabalho a um quebra cabeças, sendo necessário analisar cada peça, interpretá-la e encaixá-la dentro de sua respectiva função, o mesmo se faz quando o historiador entra em contato com suas “peças sociais”, ele analisa e interpreta separadamente para inseri-la no complexo social do qual o indivíduo faz parte.

Para que se faça tal trabalho – o de juntar as peças do passado na tentativa de reconstruí-lo – o historiador se apoia nos mais diversos campos do saber, a interdisciplinaridade como ferramenta de trabalho fornece a ele inúmeras possibilidades de análises dentro das ciências humanas, seja através da antropologia, sociologia, filosofia dentre outras áreas do conhecimento humano. Apoiados nesses estudos o pesquisador os utiliza como suporte teórico metodológico para a confecção do saber histórico.

Ressaltamos aqui que nem sempre a história se utilizou de outras áreas para a construção de seus discursos, a história como ciência sofreu ao longo dos anos inúmeras mudanças em sua teoria e método. Influenciado por outras áreas do conhecimento mudou sua maneira de analisar o homem, avaliando o indivíduo e suas ações no meio social no qual está inserido, tornando-o e valorizando-o como agente histórico.

Grande parte dessas mudanças dentro da história como ciência deu-se a partir dos novos olhares lançados pelos estudiosos, incorporando à teoria e à prática historiográfica outras maneiras de observar e entender o fazer humano, trazendo novos objetos e desenvolvendo novas metodologias na pesquisa histórica.

Dentre essas novas metodologias a história oral tem papel importante nesse novo período da escrita da história, se destacando por trazer um método que se aproxima da prática antropológica, fazendo com que os historiadores saíssem de seus arquivos empoeirados e estabelecesse um contato direto com o documento vivo, o homem.

Desde sua aceitação na academia como metodologia de pesquisa a história oral tem contribuído para a valorização dos sujeitos, além de desempenhar papel importante como fonte documental e de pesquisa. É a partir do uso da entrevista oral que o pesquisador entra em contato com o que podemos chamar de arquivos vivos da história, são esses arquivos vivos que irão nos possibilitar a reconstrução do passado através das suas memórias, experiências de vida e concepções a respeito da sociedade de outrora.

Alberti nos mostra que

A História oral é uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes para o estudo da história contemporânea surgida em meados do século xx, [...] Ela consiste na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos do passado e do presente. (ALBERTI, 2008. p. 155).

Percebemos que a história oral como método de pesquisa nos fornece um arcabouço documental do passado e do presente em questão. A partir dessas entrevistas nos são trazidas informações sobre fatos acontecidos em determinado recorte temporal, é através dessa rememoração do passado que temos a oportunidade de entrar em contato com a subjetividade daquele que nos fornece as informações, sua cosmovisão, a cultura e sociedade no qual está inserido, seus códigos comportamentais, nos dando pistas de como o sujeito observa e analisa a sociedade a sua volta tanto no passado quanto no presente.

Essa subjetividade por trás da oralidade nem sempre foi bem vista pela academia. A influência do positivismo na história e sua supervalorização das fontes escritas fez com que a oralidade ficasse a margem das pesquisas historiográficas por um longo período. Essa perspectiva com o tempo foi superada com a introdução – como já foi dito – de outros campos de estudo dentro das ciências humanas, principalmente da antropologia e sociologia, preenchendo as lacunas teóricas e metodológicas dentro da história e tornando mais consistente a confecção do saber histórico.

Como mencionamos, a história positivista apoiada nos documentos escritos e voltada para os grandes nomes e grandes feitos da história, fez com que o campo de estudo do historiador não tivesse a amplitude que tem nos dias atuais. Sua análise limitada aos documentos escritos fez com que se reduzisse a

diversidade de objetos a serem considerados como fontes, deixando assim de contribuir para diversos estudos e uma construção histórica com temas mais variados.

Com a utilização desses diferentes conhecimentos das ciências humanas por parte dos historiadores surgiram outros campos de estudo dentro da história, ampliando as possibilidades de análise e explicação do passado, foi a partir de então que

Surgiram novos objetos, e os historiadores passaram a se interessar também pela vida cotidiana, pela família, pelos gestos do trabalho, pelos rituais, pelas festas e pelas formas de sociabilidade – temas que, quando investigados no “tempo presente”, podem ser abordados por meio de entrevistas de História oral. (ALBERTI, 2008. p. 163).

Lançado um novo olhar sobre a história, a área de pesquisa para o historiador toma uma proporção maior, as fontes antes limitadas às fontes escritas dão lugar agora a uma gama maior de objetos que podem ser utilizados como fontes históricas.

A partir de então modificaram-se

[...]os hábitos de comunicação e de registro, alterando também o conteúdo dos arquivos históricos. Além das entrevistas de História oral, outros registros sonoros (músicas, *jingles*, gravações radiofônicas), fotografias, caricaturas, desenhos, anúncios, filmes, monumentos, objetos de artesanato, obras de arte e de arquitetura são passíveis, hoje em dia, de se tornar fontes para o estudo da história. O documento escrito deixou de ser o repositório exclusivo dos restos do passado. (ALBERTI, 2008. p. 164).

Observando esse novo momento em que há a admissão de novos objetos como fontes da história, destacamos a memória como parte integrante e importante para a construção histórica, sua forma de transmissão através da oralidade possibilita ao historiador um contato com a história viva.

Esse contato com a memória do outro pode gerar alguns problemas, já que memória individual e coletiva estão interligadas, pois o sujeito individual está inserido em uma coletividade trazendo consigo suas memórias individuais e ao mesmo tempo absorvendo as memórias que são geradas coletivamente e que conseqüentemente se tornam parte do ser individual, pois o mesmo é elemento integrante do todo, ou seja, da sociedade ao qual está inserido.

Com esse problema o historiador tem a tarefa de filtrar aquilo que é pertinente ao seu estudo, já que

A memória como fonte para o historiador é, em muitos casos, insubstituível, mas é também fonte geradora de mitos, de deformações, que o historiador deve depurar em seu trabalho. Daí a necessidade de o historiador analisar os erros e os mitos veiculados pela memória,. (SÁ, 2005. p. 41).

Percebemos que a memória é fundamental para a história como fonte histórica, ela – a memória – não traz apenas informações do passado, a subjetividade de quem depõe sobre o passado pode trazer consigo “criações e fantasias” que geram esses “mitos e distorções”, cabendo a nós historiadores identificar dentro do contexto histórico estudado o que realmente condiz com a sua pesquisa, expurgando aquilo que identificamos como fantasioso.

Por outro lado, esses “mitos e distorções” também são passíveis de estudo, o porquê dessas “invenções”, desse imaginário, é um campo riquíssimo na pesquisa histórica do qual não nos aprofundaremos, pois não é este o nosso foco aqui.

A pesar desses problemas já identificados e amplamente discutidos dentro da história a fonte produzida através da história oral nos oferece uma quantidade enorme de vieses para a pesquisa e traz para o historiador um leque maior de abordagens dentro do seu campo de estudo.

Concordamos com Alberti quando diz que

A história oral é hoje um caminho interessante para se conhecer e registrar múltiplas possibilidades que se manifestam e dão sentido a formas de vida e escolhas de diferentes grupos sociais, em todas as camadas da sociedade. (ALBERTI, 2008. p. 164).

Certamente trabalhar com a oralidade nos permite fazer inúmeros enfoques dentro da história, os relatos que nos são fornecidos trazem consigo uma riqueza histórica imensurável já que são expostos pra nós por quem viveu ou presenciou determinado acontecimento ou conjuntura histórica.

Temos a partir de então a possibilidade de analisar essas diferentes estruturas sociais, experiências de vida, ações do cotidiano, sempre considerando a multiplicidade de olhares que ela nos oferece.

É nessa pluralidade da história oral que encontramos possibilidade de pesquisa noutros campos da história através da

História do cotidiano (a entrevista de história de vida pode conter descrições bastante fidedignas das ações cotidianas); a História política, entendida não mais como História dos "grandes homens" e "grandes feitos", e sim como estudo das diferentes formas de articulação de atores e grupos de interesse; o estudo de padrões de socialização e de trajetórias de indivíduos e grupos pertencentes a diferentes camadas sociais, gerações, sexos, profissões, religiões etc; Histórias de comunidades, como as de bairro, as de imigrantes, as camponesas etc, podendo inclusive auxiliar na investigação de genealogias; História de instituições, tanto públicas como privadas; registro de tradições culturais, aí incluídas as tradições orais, e História da memória. (ALBERTI, 2008. p 166).

A partir da história oral podemos estudar pessoas e grupos de pessoas, percebendo como esses grupos montam e elaboram suas experiências sociais através da memória.

Esse mecanismo nos permite analisar as diversas composições dentro da sociedade

A memória é essencial a um grupo porque está atrelada à construção de sua identidade. Ela [a memória] é resultado de um trabalho de organização e de seleção do que é importante para o sentimento de unidade, de continuidade e de coerência – isto é, de identidade. (ALBERTI, 2008. p. 167).

Percebendo a importância da memória para a construção da identidade de determinado grupo, nos utilizaremos da tradição oral como fonte para a nossa

pesquisa, nela nos apoiaremos para trazer à tona características da identidade da sociedade do couro em Aquidabã.

O gado, parte integrante e basilar do povo de Aquidabã, de sua cultura e de sua economia, traz consigo uma enorme riqueza de modos de vida e de expressão cultural. O vaqueiro como parte integrante e ativa dessa cultura tem em sua essência a função de propagação e continuidade dessa cultura através de suas práticas diárias, de sua lida com o gado, de seus aboios, de sua interligação com o trabalho.

É através das memórias dos que conviveram com o vaqueiro Zé Branco, de suas práticas diárias, de suas relações com os seus semelhantes que tentaremos traçar um panorama da realidade de inúmeros vaqueiros que constituíram e constituem a sociedade do gado em Aquidabã, entendemos que através desse personagem – singular como ser humano e ao mesmo tempo plural por suas práticas e convívios – encontraremos a resposta ao nosso questionamento central.

Aos olhos desatentos e desavisados de alguns surge logo o questionamento: por que estudar o vaqueiro dentre tantas outras “figuras ilustres” dentro do município de Aquidabã?

Percebemos que o vaqueiro como figura imersa em uma sociedade de base pecuarista pode responder a inúmeras questões que muitas vezes passam despercebidos por nossos sentidos. Podemos citar como exemplo, a prática do aboio que para alguns nada mais é que um canto pra chamar o gado ou distrair o vaqueiro que conduz o gado para novas pastagens, percebendo essa prática como algo normal, corriqueiro, contudo, o aboio é mais que o canto, nele o vaqueiro nos conta sobre suas práticas de trabalho na sua lida diária com o gado, traz seus desejos e aspirações, suas angústias, relatos do cotidiano e da sociedade em que

está inserido, nos dando uma enorme fonte para pesquisa, trazendo consigo uma riqueza de significados imensurável. Contudo, não iremos responder todas essas questões, não conseguiríamos responde-las, fica aqui somente a título de registro a respeito da multiplicidade de estudos que somente o personagem “vaqueiro” pode gerar dentro de uma sociedade que tem como base a cultura do gado.

Em relação ao ser individual, Carlo Ginzburg nos fala sobre a fecundidade da biografia de um personagem desconhecido nos mostrando que

Alguns estudos biográficos mostraram que um indivíduo medíocre, destituído de interesse por si mesmo – e justamente por isso representativo –, pode ser pesquisado como se fosse um microcosmo de um estrato social inteiro num determinado período histórico. (GINZBURG, 2006. p.20).

Nessa perspectiva, vemos o vaqueiro como indivíduo que pode trazer várias respostas sobre a realidade social do qual participava sendo reflexo de um estrato social maior como nos afirmou Ginzburg. Podemos encontrar resquícios da sociedade de outrora em Aquidabã a partir da vida e das práticas cotidianas de nosso personagem, - o vaqueiro Zé Branco - observando em uma escala menor como se davam suas práticas sociais, culturais e de trabalho, sua relação com o meio no qual estava imerso e percebendo sua importância dentro da sociedade o qual estava inserido.

ASPECTOS DO COTIDIANO DE UM VAQUEIRO: ZÉ BRANCO UM VAQUEIRO DISTINTO

A década de 1970, a seca, um breve cenário do nordeste.

O problema da seca no nordeste brasileiro é um problema de proporções históricas, seja por sua localização geográfica onde algumas regiões ficam quase que fora dos locais no qual ocorre a maior parte das precipitações necessárias para o ciclo do plantio e para outras atividades, ou por falta de investimentos por parte de uma minoria detentora do poder político financeiro, perpetuando assim, sua influência política e em muitos casos seu poder bélico em detrimento de uma maioria iletrada que se tornou dependente dos favores e do apadrinhamento dos mais ricos e poderosos da região.

É dentro desse contexto e num período de extrema turbulência no nordeste brasileiro por causa da seca já tão recorrente e amplificada na década de 1970 com a grande seca que castigou o trabalhador nordestino nesse período. O trabalho tornou-se cada vez mais escasso, o homem do campo que necessitava de chuva para seu plantio, para as pastagens, para seu consumo se vê impotente ante a sua realidade. A falta das condições necessárias para sua sobrevivência faz com que o homem nordestino se torne vulnerável à imposição dos mais abastados dentro do seu sistema social.

O fantasma da seca que atingiu o nordeste não difere grupo social ou credo refletindo suas mazelas na sociedade como um todo. É inserido nesse panorama que se encontram diversos atores, vaqueiros, agricultores, comerciantes,

proprietários de terra dentre outros, contudo, aqueles que não dispõem de posses são os mais prejudicados dentro desse painel.

Nessa conjuntura de pobreza e dificuldade, a ascensão social para um trabalhador das camadas menos favorecidas é quase que algo inimaginável, algo difícil de ser atingido quando não se tem os meios necessários, sobretudo pela baixa escolaridade nos estratos mais populares daquela época. Um indivíduo pobre, analfabeto e sem posses quase sempre permanecia em sua mesma condição de prestador de serviços, de mão de obra barata a ser utilizada nas propriedades daqueles que detinham o poder nas mãos, os médios e grandes proprietários rurais.

Assim como em uma grande parte do nordeste, na cidade de Aquidabã esta cena não se diferencia das demais já que sua estrutura econômica baseada na agropecuária faz com que o poder de mando na maioria das vezes fique em posse de quem tem a terra, proporcionando uma maior influência e maior poder em relação aos demais que, desprovidos dos meios necessários para a manutenção de sua sobrevivência se veem compelidos pelo sistema no qual estão imersos a venderem sua força de trabalho para sobreviver.

O personagem.

Assim como muitos sergipanos daquele período Zé Branco nasce numa família humilde em 04/03/1932 na cidade de Aquidabã/SE, durante sua infância é criado apenas por sua mãe Julia Ferreira de Santana mulher guerreira como muitas outras mães nordestinas. Não se distanciando da realidade de várias outras crianças do município daquela época, Zé Branco desde muito cedo teve que trabalhar e assumir responsabilidades, iniciando suas atividades com o gado ainda na infância,

se tornando vaqueiro posteriormente e exercendo para o resto de sua vida essa profissão.

Por volta de meados da década de 1950 Zé Branco com 18 anos se muda pra Fazenda Imbíra na cidade de Cedro de São João

Fica próximo do papel, por ali assim, poço dos bois ali naqueles meios sabe, ai moramos muitos anos na fazenda Imbira, ai ficamos grande foi lá que eu conheci Zé Branco. Ele foi ser vaqueiro, ele morava em Aquidabã e foi pra lá trabalhar como vaqueiro e a gente se conhecemos ai começamos a namorar depois foi com os anos casamos e a vida foi assim. (MARIA JOSÉ PEREIRA DE SANTANA, entrevista realizada dia 01/01/2015).

Começando mais uma fase de sua história o vaqueiro vai adquirindo com o tempo o manejo da propriedade ao qual trabalhava, agregando outros conhecimentos a medida que vai desempenhando outras funções dentro da fazenda. É nesse período que conhece Maria José Pereira de Santana, moradora da região e que mais tarde se tornaria sua esposa, constitui família, nascem os primeiros filhos e ficam cerca de 10 anos na fazenda Imbira na região de Cedro de São João.

Devido a sua capacidade de liderança e sua competência como vaqueiro Zé Branco recebe uma proposta para trabalhar em uma outra propriedade na região de Aquidabã sua terra natal. No início da década de 1970 ele e sua família se mudam para a Fazenda Salgado, fazenda localizada no povoado Salgado distante 15 quilômetros da sede do município. Como já colocamos anteriormente a década de 70 foi de extrema turbulência para o nordestino devido ao grande período de estiagem, foi dentro desse contexto de adversidade na região nordeste que se deu a

fixação de Zé Branco e sua família na Fazenda Salgado, a busca por dias melhores os motivam a recomeçar em um novo lar, almejando uma vida melhor para si e para seus descendentes.

De conduzido a condutor.

É em meio a períodos conturbados que algumas pessoas se destacam e fazem da problemática a sua volta o degrau necessário para seu crescimento. Como já foi dito, boa parte de sua vida Zé Branco desempenhou seu papel como “coadjuvante”. A partir de sua ida para a Fazenda Salgado as coisas começam a mudar e aos poucos, mesmo ante a toda a conjuntura de seca que o rodeava, inicia-se um processo de reposicionamento e ascensão social no qual a sua posição de “conduzido” cede espaço para a de “condutor. De vaqueiro durante grande parte da sua vida passa a gerente de toda uma propriedade, responsável por conduzir os trabalhos de uma fazenda que tinha por volta de 1.000 (um mil) tarefas de terra, que para os padrões das propriedades da região se enquadrava como grande propriedade, se tornando o principal responsável pelo desempenho das atividades econômicas da fazenda.

Através da experiência adquirida ao longo da vida como vaqueiro e dotado de uma característica de liderança, Zé Branco, um vaqueiro, analfabeto, que não tinha nada a não ser aquilo que aprendera ao longo da vida se torna braço direito do proprietário e principal mantenedor do funcionamento das atividades da Fazenda Salgado.

[...] papai saiu da Imbira e foi pro salgado e a gente já ajudava ele, todo mundo tinha que ajudar ele foi para o salgado direto da imbira para o salgado, como vaqueiro, depois de um certo tempo nessa profissão ai ele passou a ser gerente da fazenda [...]. (FERNANDO ALVES DE SANTANA, entrevista realizada dia 15/01/2015)

Percebemos então que mesmo com todas as adversidades impostas pela vida e diferente de seus pares Zé Branco ascende em relação aos demais vaqueiros, fato esse que o faz chegar a administração da Fazenda Salgado e que abre algumas portas. Essa mudança de posição de comandado agora para administrador traz alguns benefícios, pois é através de sua posição como braço direito do proprietário das terras que ele ampliaria sua rede de amizades e assim manteria contato com pessoas importantes que frequentavam a fazenda e que a partir de então fariam parte do seu meio social.

Entre nobres e plebeus.

Podemos afirmar aqui que o vaqueiro Zé Branco é um caso comum e diferente ao mesmo tempo em comparação a maioria das histórias dos vaqueiros em Aquidabã. Comum por que como todo vaqueiro da região efetuava suas atribuições diárias, cuidando do gado, tirando leite no período da manhã, colocando ração para os animais, prendendo os bezerros no fim da tarde, mudando o gado de pastagens, fazendo muitas vezes o trabalho de outros profissionais efetuando partos das vacas quando necessário, cuidando das feridas e machucados dos animais, retocando as cercas da fazenda, ou seja, fazendo aquilo que um vaqueiro tem que

fazer que é garantir o bom funcionamento da propriedade rural na qual trabalha. Todos esses conhecimentos foram sendo adquiridos empiricamente ao longo de sua vida no gado, conhecimento esse que aliado a sua capacidade de comando o torna diferente em relação aos seus iguais, é nessa capacidade de resolver os problemas da lida diária que reside um dos pontos de destaque do vaqueiro, que ganha projeção e visibilidade dentro do ambiente social do qual fazia parte.

Outro ponto de destaque, e que para nós é de fundamental importância para a sua distinção entre os demais vaqueiros é a sua capacidade de socialização, fato esse que constatamos e que se afirma aqui com o seu amplo círculo de amizades. Sua perspicácia em relação ao aprendizado no campo, sua postura de liderança e sua facilidade em fazer amizade com as pessoas que estão ao seu redor, abrem portas e proporcionam os mecanismos que seriam fundamentais naquele período para seu crescimento pessoal e posteriormente sua independência financeira.

Diferentemente do restante dos vaqueiros em Aquidabã, suas amizades e bons relacionamentos com pessoas de influência e poder dentro da sociedade aquidabãense e fora dela também são primordiais para seu destaque em relação aos demais vaqueiros.

Papai já teve contato com gente muito forte, na década de... eu não lembro a década se foi 60, final dos anos 60 início dos anos 70, meu pai era amigo de um dos ex governador de Sergipe Dr. João Garcez, naquela época não era eleito pelo voto não né, governador era nomeado e Dr. João Garcez era muito amigo do finado Zé graça e meu pai trabalhou com o finado Zé graça muito tempo e frequentava muito a casa de Dr. Joao Garcez que eles eram muito amigos, Amintas Garcez, e meu pai ficou muito amigo de Dr. João Garcez, tanto amigo que de vez em quando ele ia pra uma das fazendas

que ele tinha em Carira, quando ele chamava papai ia pra Aracaju e de lá iam no próprio carro dele pra fazenda, papai passava lá 2, 3 dias lá com Dr. João Garcez, um dos ex governador de Sergipe né. Era muito amigo também nessa época tinha um delegado em Aquidabã nessa mesma época era Dr. Raul neto um cidadão de bem, meu pai era muito amigo do delegado já soltou muita gente que as vezes ia preso né, naquele tempo se prendia gente por dívida né, eu não vou citar as pessoas mais meu pai já soltou algumas pessoas que foram presos pro problema de dívida naquela época e ele ia lá e falava com Dr. Raul neto, mais como um enviado né uma amizade que ele tinha com o governador do estado né João Garcez, e aí Dr. Raul neto soltava a pessoa sabe. Tinha outro amigo influente foi seu Américo Alves que também foi deputado e gostava muito dele, vivia muito lá no salgado junto com ele também e eram pessoas influentes né, pessoas de poder então meu pai ele não só tinha amigos nas classes mais baixas como tinha pessoas de poder também que gostava muito dele. (FERNANDO ALVES DE SANTANA, entrevista realizada dia 15/01/2015).

O vaqueiro, até então figura tipicamente do campo e ligado intrinsecamente a ele, agora transita por outros estratos da sociedade. Zé Branco através de seu círculo de amizades trafega tanto entre seus pares quanto entre as pessoas da alta sociedade aquidabãense e sergipana, uma mobilidade não muito comum entre as pessoas que vem dos estratos sociais mais humildes naquele período. Nos apoiando nestes fatos percebemos o quão especial o nosso personagem é em relação aos demais homens que tem o gado como profissão.

O crescimento.

Como foi dito, sua facilidade em fazer amigos abrem as portas e fornecem os elementos necessários para seu crescimento pessoal e também financeiro. Desde que chegou a Fazenda Salgado e começou seu trabalho como vaqueiro Zé Branco como todo homem que lida com o gado tinha um propósito a alcançar, deixar de ser funcionário e tornar-se patrão, ser dono do seu pedaço de chão e administrar sua propriedade, conduzir seu gado e sua vida de maneira mais plena.

A Fazenda Salgado inicialmente pertencente ao já falecido Zé Graça foi vendida ao Sr. Lutero chefe da família que administra vários negócios no estado de Sergipe, hoje detentoras das concessionárias SAMAM no estado e de outros empreendimentos. Foi a partir da posse do senhor Lutero na Fazenda Salgado que Zé Branco iniciou sua caminhada para a sua independência financeira. Funcionário dedicado, sua presença dentro do dia a dia da fazenda era de fundamental importância pois era quem coordenava todos os afazeres e delegava tarefas aos demais funcionários, grande parte deles pertencentes a sua família. Sua dedicação lhe rende a confiança do dono da fazenda e a permissão para além de receber seus vencimentos como funcionário poder criar algumas reses junto com o gado do patrão.

Empregado e empregador: a “formalização” do trabalho.

As relações de trabalho no campo, onde os métodos de fiscalização não são tão presentes e eficazes, fazem com que as condições do trabalhador rural sejam precárias e muitos direitos sejam suprimidos. Numa grande maioria dos casos

muitos trabalhadores não chegam a ter registro de trabalho formalizado pelo empregador e que lhes garantiriam direitos trabalhistas básicos.

Zé Branco, em relação a uma grande maioria de trabalhadores do campo que ainda hoje tem seus direitos suprimidos é um caso não muito comum naquele período devido a formalização do seu trabalho na fazenda Salgado, desempenhando agora não só a função de vaqueiro mais também de gerente da propriedade tem sua carteira de trabalho assinada pelo empregador.

Observamos que na prática a carteira de trabalho servia somente para fins de fiscalização pois não tinha outra finalidade, já que os direitos trabalhistas não eram garantidos em sua plenitude. O empregado não recebia o que ali estava estipulado como valor salarial, ficando muitas vezes muito abaixo do salário mínimo os seus vencimentos. A preocupação frequente de uma fiscalização por parte do empregador se dá devido a implementação da legislação trabalhista no período Vargas, contudo, essa política trabalhista não se torna eficaz em boa parte do interior não só de Sergipe mais de grande parte do país, pois não havendo uma fiscalização contínua o que predomina nas relações de trabalho é o poder de quem detém o controle econômico.

Além de Zé Branco como vaqueiro e gerente da fazenda a propriedade dispunha ainda de mais dois vaqueiros e dos filhos que ajudavam a manter a propriedade em funcionamento

Os outros não chegaram a assinar a carteira não [...] e a carteira de papai era assinada só pra efeito de fiscalização por que se alguém do ministério do trabalho fosse lá um dia e solicitasse a carteira dele pra ver se realmente tava dentro da lei ele tava com a carteira assinada. (FERNANDO ALVES DE SANTANA, entrevista realizada dia 15/01/2015).

Notamos que mesmo com as políticas trabalhistas sendo implementadas no país, seu alcance não se estendeu a maioria dos trabalhadores do campo e mesmo chegando a alguns ela não era efetiva em relação a garantia de direitos, apoiados pela falta de conhecimento da maioria dos empregados, os patrões ditavam como seriam as regras para o trabalho em suas propriedades.

A partida: O início de uma nova fase.

Como foi dito, depois que o senhor Lutero tomou posse da Fazenda Salgado acelerou-se o processo de crescimento financeiro do vaqueiro Zé Branco, a permissão dada pelo dono da fazenda para que ele criasse seu gado e outros animais junto com o do patrão na propriedade propiciaram as condições para sua independência financeira.

[...] chegou uma época por exemplo na gestão do finado Lutero da Samam foi a época que meu pai teve mais privilegio sabe, por que seu Lutero chegou a permitir que papai criasse entre 15 a 20 garrotes, teve épocas de papai ter 17 boi gordos na fazenda, 17, 18, eu mesmo alcancei isso, além disso permitia que criasse porco, galinha, o patrão criava também muita ovelha ele permitia que comprasse alguns exemplares e misturasse com a dele [...]. (FERNANDO ALVES DE SANTANA, entrevista realizada dia 15/01/2015).

Tendo trabalhado alguns anos com sua família e juntado o dinheiro necessário para sua independência, Zé Branco nesse momento deixa o cargo de gerente e homem de confiança do proprietário e deixa de ser funcionário da Fazenda Salgado devido à problemas de saúde. Nesse momento encontra uma propriedade próximo a sede do município de Aquidabã. Foi no Sítio Saco dos Bois lá no povoado Cajueiro, próximo ao povoado Cruz Grande distante 04 quilômetros da sede do município que ele encontrou um outro ponto de partida pra sua vida, onde adquiriu terras na redondeza e viveu até os seus últimos dias fazendo aquilo que nasceu pra fazer, lidar com o gado, aboiar e fazer amigos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inegavelmente Zé Branco foi um vaqueiro diferenciado entre os demais, através de suas experiências de vida e do conhecimento adquirido ao longo de sua trajetória. Vimos que ele se destacou entre os demais vaqueiros de sua região, sua capacidade em fazer amigos a nosso ver foi o fator primordial para sua ascensão, aliados a sua perspicácia e sua capacidade resolutiva.

Nossa intenção com esse trabalho foi trazer a lúmem uma pequena parte da história e do cotidiano dos vaqueiros da região de Aquidabã, para isso elegemos nosso personagem, que não foi somente mais um vaqueiro, mais que se destacou entre os demais em sua trajetória de vida.

Como toda escolha feita por qualquer historiador notamos no vaqueiro Zé Branco o igual e o diferente, nessa dicotomia nos apoiamos para sem muitas

pretensões trazer um pouco da sociedade da época. Como ele (Zé Branco), foi uma pessoa que transitou por diferentes níveis sociais em seu período histórico, vislumbramos a possibilidade de trazer aspectos da vida de “nobres e plebeus” principalmente para aquele homem do campo analfabeto mais que por força de vontade e de muito suor no rosto conseguiu alcançar seus objetivos. Sabemos que existem muitas histórias a serem contadas de outros vaqueiros e homens de fibra como Zé Branco espalhados por nosso estado e é assim que finalizamos e damos nossa humilde contribuição para a história de Aquidabã que ainda engatinha como uma criança.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.) **Fontes históricas**. [2. ed.]. São Paulo, SP: Contexto, 2008. 302 p.

ANDRADE, Elia Barbosa de. **Aquidabã em Versos**. Aquidabã, SE: Info Graphic's. 2003. 30 p.

_____. **Tenice e sua História**. Aquidabã, SE. Gráfica Alternativa. 2013. 68p.

ANTONIO, Edna Maria Matos. **A Qualidade da Terra e dos Homens**: colonização e posse de terras na américa portuguesa (Sergipe – Século XVI-XVII). Saeculum – Revista de História nº. 26; João Pessoa, jan./jun. p. 47-62. 2012. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/srh/article/viewFile/15032/8539> acesso dia: 13/11/2014.

CONRADO, Juarez. **Lampião: assaltos e morte em Sergipe**. Aracaju: J. Andrade, 2010. 304 p.

COSTA, Alcino Alves. **Lampião em Sergipe**. Aracaju, SE: Editora Diário Oficial, 2011. 302 p.

CUNHA, Breno Luiz Mendonça; DORIA, Isaac Andrade; SANTOS, Thiago Aragão da Paixão. **A Cultura da Farinha de Mandioca na Cidade de Graccho Cardoso**. 2009, 61 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Tiradentes, UNIT, Aracaju/SE, 2009.

DANTAS, Ibarê. **História de Sergipe**: república (1889-2000). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2004. 334 p.

ENCICLOPÉDIA dos municípios brasileiros. Rio de Janeiro: IBGE, 1957. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=227295>. liv27295_19. acesso em: 15/10/2014.

FREIRE, Felisbelo. **História de Sergipe**. 2. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, Aracaju,

_____. **História de Sergipe**. 2. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, Aracaju, Editorial de Sergipe: Secretaria de Estado da Cultura, 1995. 117 p.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição.** São Paulo: Companhia de Bolso, 2006. 255 p.

GUIMARÃES, Acelino Pedro. **Aquidabã e Sua Gente.** s.l.: s.e., s.d.. 238 p.

_____. **Aquidabã: história, educação e poesia.** s.l.: s.e., s.d.. 137 p.

HISTÓRIA dos municípios. Aracaju, SE: CIFORM, 2002. 271 p.

NUNES, Maria Thetis. **História de Sergipe a partir de 1820.** Rio de Janeiro: Cátedra; 1978. 199 p.

_____. **Sergipe Colonial I.** São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. 1989. 307 p.

_____. **Sergipe Colonial II.** São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. 1996. 332 p.

_____. **Sergipe Provincial I: 1820-1840.** Rio de Janeiro, RJ: Tempo Brasileiro, 2000. 394 p.

_____. **Sergipe Provincial II: (1840/1889).** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2006. 362 p.

MOTT, Luiz R. B. **Sergipe Del Rey: população, economia e sociedade.** Aracaju: FUNDESC, 1986. 204 p. (Coleção Jackson da Silva Lima).

OLIVA, Terezinha Alves de; ALMEIDA, Maria da Glória Santana de; GONÇALVES, Maria de Andrade; SANTOS, Lenalda Andrade. **Textos para a história de Sergipe.** Aracaju: Universidade Federal de Sergipe, BANESE, 1991. 294 p.

SÁ, Antônio Fernando de Araújo. **Combates entre história e memórias.** São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2005. 326 p.

SANTOS, Lenalda Andrade; OLIVA, Terezinha Alves de. **Para conhecer a história de Sergipe.** Aracaju: Opção Gráfica, 1998. 142 p.

SANTOS, Jackson Crisóstomo dos. **História e Identidade Cultural de Aquidabã**. 1ª Ed. Aquidabã, SE: Editora Criação, 2014. 212 p.

SILVA. Clodomir de Souza e. **Álbum de Sergipe: 1534 – 1920**. Aracaju, SE: s. n., [1920]. 320 p.

SILVA, Gonçalo Ferreira da. **Lampião a força de um líder**. Rio de Janeiro: Editora Milart. 2005. 268 p.

SILVA, Grayziane Alves; JESUS, Keyte Monique de; SILVA, Luana Campos da. **Álbuns de Família: Identidade e Memória**. 2008, 73 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Tiradentes, UNIT, Propriá/SE, 2008.

SEBRÃO, sobrinho. **Fragmentos da história de Sergipe**. Aracaju: Livraria Regina, 1972. 309 p.

UNIVERSIDADE TIRADENTES. **Sergipe panorâmico.org**. Aracaju: UNIT, 2002. 471 p.

FONTES ORAIS

SANTANA, Fernando Alves de. Entrevista concedida em: 15 de janeiro de 2015.

SANTANA, Maria José Pereira de. Entrevista concedida em: 02 de janeiro de 2015.